

CAIS DO SODRÉ TÉ SALAMANSA: O CABO-VERDIANO EM EXÍLIO

ELISA MARIA TABORDA DA SILVA*

* Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

21

Resumo

Um estudo da construção das personagens cabo-verdianas da escritora Orlanda Amarílis na obra **Cais do Sodrê té Salamansa**, enquanto representações identitárias daqueles que nascem nas ilhas de Cabo Verde. São muito relevantes as marcas discursivas que expressam o sentimento de pertença à nação de Cabo Verde, sobretudo quando nas diferentes situações de diáspora vividas pelas personagens. Defende-se a tese de que a identidade local das personagens de Amarílis passaria por interessantes transformações através da experiência de deslocamento espacial e de distância do solo pátrio. O deslocamento espacial atuaria assim como ponto de partida para um deslocamento psicológico, identitário. O estudo apresentado pretende abordar também a postura crítica que permeia a construção dessa identidade cabo-verdiana nos contos da referida obra. O narrador de Amarílis posiciona-se não só como observador das experiências diaspóricas das personagens, mas também como crítico sagaz das relações que se estabelecem entre esses indivíduos exilados, os ditos estrangeiros, e a terra natal.

Palavras-chave: Cabo-Verde; Exílio; Identidade; Espaço; Memória.

INTRODUÇÃO

Os resultados apresentados se referem à pesquisa de iniciação científica desenvolvida entre agosto de 2009 e julho de 2010, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Zilda Ferreira Cury na faculdade de Letras da Universidade Federal e Minas Gerais – UFMG. A pesquisa teve como objeto de análise o livro de contos **Cais do Sodrê té Salamansa**, da escritora cabo-verdiana Orlanda Amarílis.

A análise se centra na construção das personagens cabo-verdianas em relação ao espaço em que estão inseridas, seja ele o espaço nacional ou

o espaço do exílio de sua terra natal. Objetivamos demonstrar em que medida o trânsito espacial a que essas personagens estão submetidas interfere na constituição identitária das mesmas. Parte-se do princípio de que a identidade local é problematizada através da experiência de deslocamento espacial, tornando esse deslocamento algo da ordem do psicológico, do identitário, parte integrante da construção do “modo de ser” cabo-verdiano.

O livro **Cais do Sodré té Salamansa**, da escritora cabo-verdiana Orlanda Amarílis, é composto por sete contos, que se passam ora em Portugal, ora nas ilhas de Cabo Verde. As personagens cabo-verdianas experienciam a diáspora, seja aquela relacionada à distância do solo pátrio, seja a diáspora que metaforiza um sentimento de perda/distanciamento das tradições e do que se poderia chamar em algum momento de uma “identidade cabo-verdiana”, compartilhada pelos naturais daquela região e definida sempre em perspectiva. Uma identidade que emerge em consonância com o conceito de “comunidade política imaginada”, cunhado por Benedict Anderson em **Nação e consciência nacional** (1989). Essas personagens transitam pela obra de Amarílis, sempre retomando temas como exílio, memória - única maneira possível de reviver a terra natal - e a maneira como, a partir do deslocamento, o mundo contemporâneo será experienciado. Tudo isso marcado pela posição crítica que Amarílis assume, ela mesma diaspórica, ao pensar a maneira como se dá a complexificação da noção de identidade desses personagens. Ela é crítica também ao tratar da interação entre o local cabo-verdiano e as culturas hegemônicas, denunciando a necessidade de repensar o lugar de minoria ocupado por seu povo e sua literatura.

Sendo o primeiro conto intitulado “Cais do Sodré” – referência à estação de metro de Portugal, que faz a ligação com outras estações e com redes fluviais – e o último conto intitulado “Salamansa” – vila de pescadores na ilha de São Vicente –, percebemos desde o título da obra uma viagem que procura fazer uma ponte entre as representações da terra natal e do exílio, passando por contos que expressam as tradições cabo-verdianas. Em “Rolando de nhá Concha”, por exemplo, temos acesso ao imaginário que cerca a experiência da morte. A experiência fora das ilhas é retratada em “Desencanto”, “Cais do Sodré” e “Nina”, enquanto as contradições existentes dentro da nação, que localizam para o leitor o lugar que Cabo Verde ocupa no mundo podem ser observadas principalmente no conto “Esmola de Merca”.

O sentido primário das experiências diaspóricas das personagens analisadas são, sem dúvida, os movimentos transnacionais. Eles são importantes para uma análise do mundo atual, dado o acirramento da experiência da globalização. Essa experiência provoca interações culturais tão intensas que acabam por originar identidades da ordem no inabrigável, para usar o conceito trabalhado por Bhabha, “unhomely” (BHABHA, 1998), e que parece se adequar bem à construção identitária principalmente de indivíduos oriundos da colonização.

As movimentações diaspóricas pelo espaço e a influência dessas mudanças de espaço na constituição da identidade nacional constituem um tema bastante caro à análise aqui pretendida. Sendo assim, é importante caracterizar esse “espaço”. Nos referimos aqui a um “espaço”

que modifica o indivíduo; logo, não se trata de um “lugar” qualquer. Acorando-nos na obra de Milton Santos, **Metamorfoses do espaço habitado** (1988), o espaço é aqui tratado como instância construída e modificada pelos discursos que o perpassam, sendo então de natureza tão fluida quando a noção de identidade. Dessa forma é possível, seguindo Santos, retirar o “espaço” da condição comum de simples cenário onde se encena a História da humanidade para convocá-lo a mudar e ser mudado nas suas interações com o indivíduo. Sendo assim, a África, Cabo-Verde, entre outros lugares no mundo se tornam espaços na medida em que nos são oferecidos através de pontos de vista e discursos variáveis, constituídos por fatores como investimento emocional ou falta dele e jogos de poder entre as nações. Esses espaços habitados não só por pessoas mas também por discursos intencionados são historicamente organizados, de forma a serem vistos como centrais ou marginais, fortes ou fracos, hegemônicos ou minoritários. Essa suposta “organização mundial” estende-se pela política, economia e, certamente, para o âmbito da produção cultural.

Vários estudos atualmente questionam essa visão dicotômica dos espaços de produção de cultura, buscando complexificar essas relações. Avtar Brah em **Cartographies of Diáspora** (1996) nos diz da necessidade de pensar essas categorias sempre em relação a um dado referencial:

‘minorities’ are positioned in relation not only to ‘majorities’, but also with respect to one another, and vice versa. Moreover, individual subjects may occupy ‘minority’ and ‘majority’ positions simultaneously, and this has important implications for the formation of subjectivity. (BRAH, 1996, p. 189)

Cais do SodrÉ Té Salamansa

O questionamento das dicotomias é acirrado pelas grandes movimentações diaspóricas da atualidade, que se dão em várias direções e por diferentes motivos, colocando em contato sujeitos diversos e que questionarão a constituição de suas identidades. É exatamente o que ocorre com as personagens de Orlanda Amarílis: estando em exílio, contrapõem a todo tempo a memória de sua identidade cabo-verdiana às modificações causadas pela distância espacial e temporal, e essa distância vai se inserindo nas suas filiações identitárias. Andresa, na estação Cais do SodrÉ, já não se identifica com a conterrânea Tanha:

De há algum tempo para cá acontece-lhe isto. Vê um patricio, sente necessidade de lhe falar, de estabelecer uma ponte para lhe recordar a sua gente, a sua terra. Entretanto, feito o contacto, o desencanto começa a apoderar-se dela. Qualquer coisa bem no íntimo lho faz sentir. Não há afinidades nenhuma com as pessoas de há quinze anos atrás. Nem são as mesmas. (AMARÍLIS, 1974, p. 15)

Porém Andresa tampouco sente-se “em casa” ao dividir o banco do Cais com uma europeia, visto que ela, após estar um tempo no banco, decide-se por acompanhar Tanha no comboio. Abdala define Andresa:

“essa personagem parece modelada pela língua, tornando-se uma atriz que expressa a sua maneira de ser enquanto produto originário de duas culturas” (ABDALA JÚNIOR, 1999, p. 81). Após sair de Cabo Verde, Andresa já não é a mesma, e desencanta-lhe pensar na distancia identitária que agora a separa dos conterrâneos. Desencanto este semelhante ao vivido pela protagonista sem nome do conto “Desencanto”, a ser abordado posteriormente.

Benjamin Abdala Júnior começa seu artigo “Orlanda Amarílis, literatura de migrante” referindo-se à Pasárgada de Manoel Bandeira, o sonho ou idealização de um espaço de bem estar e satisfação dos desejos. Segundo Abdala, Orlanda vai na perspectiva inversa: rejeita o patriarcalismo libertino de Pasárgada, investindo sua escrita de um caráter feminista e que levanta outra bandeira, a da pertença a uma nação.

Na obra alternam-se contos narrados a partir do exílio e outros que se passam nas ilhas e que nos falam das tradições e crenças, como a proximidade entre os mortos e os vivos em “Rolando de nhá Concha”. Esse conto parece querer aproximar-nos – ou aproximar a identidade diaspórica – das crenças da terra, e o conto por vezes passa a impressão de ser uma das muitas histórias do imaginário popular, com personagens do povo e no ambiente das ilhas. Há também o conto “Salamansa”, que encerra a obra, contado pela perspectiva daqueles que permaneceram em Cabo Verde, ou seja, não saíram em busca das oportunidades do mundo globalizado. Um conto que termina com uma cantiga em crioulo e reverenciando as paisagens de Salamansa. Conta a história de Baltasar, que vê a partida dos que o rodeiam e argumenta sempre contra esse êxodo. O conjunto das sete histórias faz um movimento de saída e retorno às ilhas de Cabo Verde, por meio das recordações, da memória, seja ela individual – das personagens – ou coletiva – história popular. Pires Laranjeira escreve que:

O narrador-mor, pai de sete narradores, em cada conjunto de histórias, vive na diáspora, vivendo de recordações. O narrador recorda como (quem) fala, coloquiando, oralizante, fragmentário nas falas (discurso sincopado, em português, com o crioulo espreitando na língua literária), fragmentando as histórias em episódios soltos, ou quase[...] (PIRES LARANJEIRA *apud* ABDALA JÚNIOR, 1999, p. 79)

Este “viver de recordações” nos coloca frente à importância da memória para essas personagens, pois é apenas através dela que é possível presentificar, de certa maneira fragmentada e incompleta, a longínqua terra natal. Consideramos esse “recordar” como algo bastante semelhante à concepção de Bachelard no capítulo três de sua **Poética do espaço** (1993). Nesse capítulo, de acordo com Jane Rocha de Mattos, assim é concebida a memória:

A memória por sua vez, é como um armário de lembranças, mas não é um móvel cotidiano, não se abre todos os dias, não é o local onde se guardam as imagens do passado, pois não há gavetas na memória. A mente não está cheia de imagens, ela somente cria imagens e comunica-as, sendo este ato de criação um processo interior. Para Bachelard, a *lembrança pura* é uma imagem, é unicamente pessoal e incomunicável, e está no interior do armário (memória). (MATTOS, 2009)

A memória é vista então não só como um conjunto de informações do passado que são armazenadas, mas também como lugar de criação de imagens, de idealização e de conexão com o presente, modificando a maneira como o enxergamos e vice versa, pois o presente também modifica a maneira como vemos nosso passado. Assim ela funciona para os exilados, especialmente, mas também para todos nós. No conto “Nina”, o narrador cabo-verdiano em diáspora reconstrói pela memória sua relação com Nina, a moça branca com quem teve um breve e tumultuado relacionamento. Ele se questiona se ela partilharia a mesma memória que ele, agora que passa por ele no comboio e finge que não o vê. Outros exemplos da recorrência da memória são abundantes em todos os outros contos de Orlanda: Rolando de nhá Concha relembando toda a sua vida de maneira caótica até perceber-se morto; Andresa na gare recontando para si histórias de São Vicente em “Cais do Sodré”; Baltasar recordando seu relacionamento com a prostituta Linda em “Salamansa”; as mulheres famintas de “Esmola de Merca” recriando pela memória períodos de abundância e tantas outras personagens de outros livros que forjam para si uma memória que apenas em parte constitui-se dos fatos empíricos, mas que por fim constitui para nós leitores uma grande memória compartilhada por esses indivíduos. Uma memória das ilhas, escrita pelos que se sentem ou realmente estão exilados de seu país. Exilados, pois o exílio constitui-se como estado médio, daquele indivíduo que não está em consonância com seu país de origem nem com o lugar onde se encontra, que precisa flutuar entre os envolvimento desenvolvidos no exílio e a nostalgia de não poder reviver o espaço deixado, se não por essa memória fluida, moldável.

Outra característica da obra de Orlanda que Laranjeira aponta é uma certa cadência oral diferenciada. Ela constitui uma das marcas da diferença entre as literaturas africanas e as outras. Uma dicção marcada pela “Orality” e pela performance executada pelo narrador. É essa cadência que faz com que Laranjeira identifique um “contínuo” na obra, como se os contos se inserissem em uma história maior: a história da diáspora cabo-verdiana e das questões políticas e identitárias que ela evoca.

Passamos agora a tratar brevemente dos aspectos políticos que podem ser percebidos na escrita de Orlanda Amarílis. Após a análise das representações de identidades diaspóricas nos contos de “Cais do Sodré té Salamansa”, foi uma consequência natural atentar para o modo como essa construção se insere no contexto das literaturas ditas “das margens”, inclusive porque a crítica de Amarílis volta-se entre outras coisas para essa mesma nomenclatura que por tanto tempo designou – se não designa ainda – sua literatura e a de tantos outros escritores que não são europeus e/ou não escrevem desde os centros de poder político, econômico e “literário” do mundo. Através de suas personagens cabo-verdianas diaspóricas, a autora encontra espaço para questionar a hegemonia da cultura branca ocidental e também os cabo-verdianos que optam pela “assimilação” dessa cultura, em lugar de tentar forjar para si um novo lugar. Defende o deslocamento das hegemonias e do pensamento dicotômico.

É importante que lembremos o lugar de intelectual ocupado por Amarílis, lugar já tantas vezes questionado hoje. Como diz Beatriz Sarlo em seu capítulo sobre intelectuais em *Cenas da vida pós-moderna* (1997), os intelectuais hoje estão sendo questionados a respeito de seu lugar de “fala pelo outro”, de crítica e denúncia de uma realidade que não a dele. Poderia ele falar do que não vive? Qual a sua utilidade hoje? Para a autora, esses intelectuais ocupariam um lugar de rememoração dessa posição passada, e o próprio fato de questionarmos hoje a sua relevância é uma mostra da importância da dupla questão sobre quem fala e como. É possível afirmar que Orlanda Amarílis ainda se coloca no lugar de porta-voz de uma identidade nacional cabo-verdiana, na medida em que retrata em seus textos de maneira geral homens e mulheres das ilhas. Também está ocupando esse lugar ao transmitir ao leitor a experiência da diáspora, como nos contos “Desencanto”, “Cais do Sodré e “Thonon-les-Bains”. Porém é perceptível um distanciamento dessa posição de porta-voz nas críticas sagazes de seus narradores, que acabam por universalizar os temas abordados em sua obra a partir do local cabo-verdiano. É o que observaremos no conto “Desencanto”: nele é possível perceber o que Avtar Brah (1996) concebe como “diaspora space”, ou seja, um espaço de imanência, de intersecção, entre diáspora, margens e “dis-location”. Funcionando a partir dessa intersecção estariam vários processos econômicos, políticos, culturais e psíquicos, que atuam na constituição do indivíduo. Uma concepção da sociedade sempre modificada pela ótica dos movimentos diaspóricos nas margens do sistema.

DESENCANTO

No conto “Desencanto”, encontramos a metáfora do trânsito identitário na viagem da protagonista cabo-verdiana imigrante em Lisboa, de seu local de residência até o trabalho. O transitar dessa protagonista metaforiza o caminho que os cabo-verdianos exilados percorrem: saem das ilhas para a Europa em busca de sustento, não sendo por acaso que o trânsito se dê em direção ao trabalho. Se a própria emigração se dá pela via da necessidade, será apenas através do trabalho que esse indivíduo será reconhecido em seu lugar de destino. Segundo Bourdieu (1998), o imigrante só possui uma identidade no e pelo trabalho que desempenha. É essa, então, a maneira como se dará a entrada dessa imigrante cabo-verdiana no mundo globalizado. Ela o faz pela “porta dos fundos”, atrás dos balcões, desempenhando funções desconsideradas e desprezadas pelos nativos europeus, indo somente até onde sua condição de ex-colonizada e exilada permitir. O passado colonial está na superfície da identidade que a protagonista busca negociar em solo estrangeiro, vide seu destino: Lisboa.

O trânsito pelo espaço físico é motor de partida para o trânsito identitário pretendido pela protagonista do conto. Ela busca integrar-se à cidade de Lisboa, assumir uma identidade condizente com um lugar nessa sociedade, o que deixa claro mais à frente ao dizer que buscava afastar-se de outros cabo-verdianos que encontrava na cidade portuguesa, justamente para (e o conto desmancha perversamente esta pretensão) confundir-se com outros portugueses, tornando “invisível” sua cabo-verdianidade.

Porém, mesmo nessa cidade onde as faces são fugazes e são poucos os que recebem nomes próprios, a protagonista é forçada a se deparar com a sua condição de imigrante:

O homem do chapéu preto está junto dela. Pressente-o pelo faro que já tem dessas aproximações.

Um susurro fá-la estar atenta.

“Estás bom, pá?”

“Malandro, estás a fazer-te pra mulata.”

Riem baixo e esse riso é uma afronta.

“Bom dia, passou bem?”

Desce trêmula, pisando os degraus com atenção.

Encruzilhada pela qual tem que escolher. Sempre a fugir de andar com os patrícios de cor para não a confundirem e afinal é um branco que lhe vem lembrar a sua condição de mestiça. (AMARÍLIS, 1974, p. 45)

O encanto de se pensar plenamente assimilada pelo ritmo da grande cidade portuguesa se desfaz no chamamento “mulata”: aquele branco lembra-lhe sua condição de minoridade, através da cor da pele. Que seja através da cor da pele tampouco é um acaso: lembra-lhe o sistema colonial, no qual sabemos que a identidade de um indivíduo estava irremediavelmente ligada à cor de sua pele. O homem não a faz lembrar, então, somente seu lugar deslocado naquela sociedade, mas também sua condição de minoridade dentro do sistema.

Entretanto, a crítica maior de Orlanda Amarílis se faz sentir quando seu objeto é o próprio sujeito cabo-verdiano, e não a sociedade ocidental atual. Intelectual em posição de exílio que é, a autora distancia-se o suficiente da cultura a que deveria filiar-se naturalmente para criticá-la. Subjaz, pois, ao discurso sobre o exílio um severa crítica ao preconceito cultural e racial presente entre os próprios cabo-verdianos. A protagonista do conto contribui para sua posição subalterna na ordem mundial, ao buscar seu espaço por meio da negação de sua cultura e de sua cor, tentando adaptar-se em lugar de promover mudanças na ordem estabelecida. Posiciona-se como mente colonizada, mente esta que Fanon (1979) busca explicar em **Os condenados da terra**:

O olhar que o colonizado lança sobre a cidade do colono é um olhar de luxúria, um olhar de inveja. Sonhos de posse. Todas as modalidades de posse: sentar-se à mesa do colono, deitar-se no leito do colono, com a mulher deste, se possível. O colonizado é um invejoso. (FANON, 1979, p. 29)

Fanon tece uma crítica a respeito do sujeito que, uma vez colonizado, não se posicionará na luta contra a configuração subalterna de pensamento que lhe foi imposta pelo colonizador europeu. E é esta também a natureza do olhar crítico que Orlanda Amarílis lançaria sobre sua personagem, representação micro-cósmica que é dos emigrantes cabo-

verdianos em solo europeu. Sua crítica apontaria para a necessidade de que esses indivíduos frutos da colonização e, posteriormente, do exílio, assumissem de maneira consciente e pró-ativa sua posição de diferença no mundo contemporâneo, e que a partir dessa posição – e não da posição de minoria assimilada – se localizassem no mundo contemporâneo, não necessariamente sob a égide da hegemonia do pensamento ocidental. Jean-Paul Sartre, no referido prólogo à obra de Fanon, reconhece a dificuldade dessa superação do que Fanon chama de “mente colonizada”, além de reconhecer que ela depende de um violento movimento de emancipação psíquica:

Assim, a Europa multiplicou as divisões, as oposições, forjou classes e por vezes racismos, tentou por todos os meios provocar e incrementar a estratificação das sociedades colonizadas. Fanon não dissimula nada: para lutar contra nós (europeus), a antiga colônia deve lutar contra ela mesma. (FANON, 1979, p. 6)

A escritora cabo-verdiana nos faria ver então o desencanto do cabo-verdiano exilado frente ao mundo em modernização que ele só pode contemplar pela porta dos fundos, dele usufruindo somente as sobras. Ao mesmo tempo, desencantaria uma provável auto-imagem vitimizada desses indivíduos, explicitando sua mente colonizada. De acordo com o supracitado Sartre: “Pobre colono: eis sua contradição posta a nu” (SARTRE *apud* FANON, 1979, p. 10).

É dessa forma que adentramos à percepção do indivíduo como sendo moldado dentro da intersecção proposta por Avtar Brah: intersecção entre o lugar de “margem” de onde seu discurso procede e o “fora de lugar” próprio de sua condição diaspórica. Segundo ela, é necessário abrir espaço para que as condições globais de cultura, economia e política sejam pensadas através da “migrância” e da “viagem”, as quais problematizam seriamente a identidade do “sujeito nativo”. Amarílis, na construção de suas personagens, parece tomar parte nesse projeto, ao mesmo tempo em que imbrica na representação identitária das personagens uma forte carga política.

ABSTRACT

A study on the construction of the Cape Verdean characters created by the writer Orlanda Amarílis in her work “Cais no Sodrê te Salamansa”, as identity representations of those who were born in the islands of Cape Verde. Discursive MARKS/TRAITS that express the feeling of belonging to this nation are very relevant, especially in different situations of diaspora lived by the characters. The text defends the idea that the local identity of Amarílis' characters would suffer interesting changes through the experience of spatial displacement and distance from HOMELAND. The spatial displacement would thus act as a starting point for a psychological displacement, of identity. The present study intends to make an approach to the critical attitude that permeates the construction

of this Cape Verdean identity in the short stories of this work. Amarílis' narrator acts not only as an observer of the characters' experiences of diaspora, but also as a sagacious critic of the relations established between these exiled individuals, the so-called foreigners and their native land.

Key words: Cape Verde; Exile; Identity; Space; Memory.

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. "Orlanda Amarílis, literatura de migrante". In: **Dossiê Via Atlântica**. São Paulo, n. 2, p.76-89, 1999.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. "A nova diáspora e a literatura de autoria feminina contemporânea". In: **Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades**. Org. Ildney Cavalcanti, Ana Cecília Lima, Liane Schneider. Maceió: EDUFAL, 2006.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. "Narrativas cosmopolitas: a escritora contemporânea na aldeia global". In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 32, p.11-20, 2008.

AMARÍLIS, Orlanda. **A Casa dos Mestros**. Linda-a-Velha, ALAC, 1989.

AMARÍLIS, Orlanda. **Cais do Sodré té Salamansa**. Lisboa: Bertrand, 1974.

AMARÍLIS, Orlanda. **Ilhéu dos Pássaros**. Lisboa: Plátano, 1982.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAKHTIN, Mikhail M. **A cultura popular na Idade Média e no renascimento**. São Paulo: Ed. UNB e HUCITEC, 1993.

BAKHTIN, Mikhail M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 1 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BHABHA, Homi K. "The world and the home". In.: **Social Text**. n. 31/32. New Jersey: Center for the Critical Analysis of Contemporary

Culture, 1992, p.141-153.

BOURDIEU, Pierre. Prefácio. In: SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração: ou os paradoxos da alteridade**. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 1998.

BRAH, Avtar. "Diaspora, border and transnational identities". In: **Cartographies of diaspora: contesting identities**. London: Routledge, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de Laurênio de Melo. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira SA, 1979.

DISCINI, Norma. "Carnavalização". In: BRAIT, Beth (Org). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

FIGUEIREDO, Eurídice (Org). **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora: Ed. UFJF; Niterói: Ed. UFF, 2005.

GOMES, Simone Caputo. "Literopintar Cabo Verde: a criação de autoria feminina". **Revista crioula: revista eletrônica dos alunos de Pós-Graduação de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do DLCV- FFLCH-USP**, v. 3, p. 1, 2008.

GRUZINSKI, Serge. **La pensée métisse**. Paris: Fayard, 1999.

MATTOS, Jane Rocha de. **Reflexões sobre memória em Henri Bergson e Gastón Bachelard**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/20777/1/Reflexoes-sobre-memoria-em-Henri-Bergson-e-Gaston-Bachelard/pagina1.html>>. Acesso em 26 mai 2010.

MONTGOMERY, José de Vasconcelos. **A poética carnalizada de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro: Annablume, PUC, 1988.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

SARLO, Beatriz. "Intelectuais". In: **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina**. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.